



Uma certa revista...

O *Tempo e o Modo* vai fazer 40 anos. Como, hoje, já pouca gente sabe o que era *O Tempo e o Modo*, queria dizer que foi uma revista onde um grupo, todos os meses, dizia qualquer coisa como **a expressão do nosso mal-estar em relação à sociedade em que vivíamos**, em relação à Igreja onde muitos de nós estávamos implicados, em relação à nossa própria vida na sua expressão mais profunda que éramos obrigados a pôr de parte porque tudo aquilo que a gente pensava e queria em relação ao nosso comportamento tinha de estar suspenso. Era no meio de tudo isto que andava a revista: no fundo, **era um problema de consciência**. Hoje, com as liberdades restabelecidas, é difícil imaginar como uma revista, onde perdíamos dinheiro, onde enfrentávamos mensalmente a censura, onde tínhamos de gastar uma boa parte do nosso tempo, é difícil imaginar, dizia, como uma revista era capaz de nos ajudar a resolver os nossos problemas de consciência. Tudo é tão diferente quando estamos a teorizar uma acção que não é experimentada, quando tudo se passa por dentro da nossa cabeça e não podemos cumprir os nossos deveres com o mundo representado pelos que vivem à nossa volta.

Creio que todos eram mais novos do que eu e os dez anos de diferença que tínhamos tornava ainda as pessoas mais teóricas. **Tudo estava também influenciado pelo “Maio de 68”** e poucos tinham uma ideia daquilo que se chama “estratégia” que é exactamente não uma organização mental de uma teoria que solucionará os problemas da Pátria, mas a procura da maneira possível de contornar uma situação cheia de interditos.

Eu confesso que **estava muito preocupado com a estratégia**. Acontecia é que depois, na prática, a posição do poder era a de dizer que toda a oposição era comunista, coisa que não era inteiramente desagradável ao Partido Comunista que não desgostava de ter o monopólio da oposição.

A mim parecia-me importante que houvesse um núcleo não comunista e verdadeiramente democrático na oposição que agregasse as pessoas que não seguiam os princípios comunistas e quase pelas mesmas razões não concordavam com o Governo. O primeiro passo, a meu ver, seria o de **estabelecer um diálogo com a oposição não comunista**, cujas referências maiores eram o Mário Soares e o Francisco Zenha.

Demos-lhes conta do nosso projecto e eles aceitaram a nossa colaboração e, para isso, aceitaram fazer parte do Conselho Consultivo da revista.

A revista prestou uma acção de grande utilidade a essa oposição. Sem tirar conclusões explícitas, escrevíamos sobre os factos e as situações políticas que nos rodeavam com um cuidado especial em **não enfrentar directamente o Governo**. Por outro lado, a revista, nas artes e letras, pegou nos escritores mais valiosos e chamou a atenção para eles e para a importância da sua obra. Neste aspecto, a missão da revista veio demonstrar que havia, ao tempo, uma ditadura política da direita e uma ditadura cultural da esquerda. Apesar de tudo, a revista teve importância mas, sobretudo, para aqueles que tinham posto a sua opção nas **liberdades democráticas**. Esta revista, no fundo, trabalhou a favor dos **homens livres**, aqueles que achavam que a liberdade é a única moldura da nossa dignidade. ●

Hoje, com as liberdades restabelecidas, é difícil imaginar como uma revista, onde perdíamos dinheiro, onde enfrentávamos mensalmente a censura, era capaz de nos ajudar a resolver os nossos problemas de consciência.